

# Levantamento de questões sobre o reconhecimento da fala do autista

Glória Maria Monteiro de Carvalho  
 Telma Costa de Avelar  
 Universidade Federal de Pernambuco

**Resumo:** No que diz respeito à caracterização dos distúrbios nas produções verbais dos autistas, tem sido destacado, nos vários estudos da área, o caráter de “eco” dessas produções, no sentido de que as palavras são repetidas na forma como são ouvidas. Por sua vez, tem-se realçado, em tais repetições, seu aspecto de estereotipia, rigidez ou imobilidade – o que produz um efeito de estranhamento no ouvinte – constituindo-se, portanto, numa marca de singularidade da sintomatologia de natureza verbal, no autismo. Nesse sentido, o presente artigo colocou em discussão o reconhecimento da referida singularidade, comparando-o com os efeitos provocados (no investigador) pelas produções verbais, também singulares, da criança que não apresenta distúrbios na sua trajetória lingüística. A partir de uma tal comparação, algumas questões foram levantadas, tendo sido sugerido que o reconhecimento da singularidade das verbalizações ecolálicas do autista se daria pela via inversa do reconhecimento do caráter singular da fala do sujeito, no início de seu percurso de aquisição de linguagem.

**Palavras-chave:** Autismo; Linguagem; Singularidade.

## QUESTIONS RAISED ABOUT THE RECOGNITION OF THE AUTIST'S SPEECH

**Abstract:** In regard to the characterization of the disturbances in autist's utterances, their “echo” nature has been highlighted in several studies so far carried out in the area, that is, the repetition of words the same way as they are heard. Nevertheless, estereotypy, rigidity or immobility aspects have been enhanced, in such repetitions – which bring about a strangeness effect in the listener – representing, therefore, a singularity trait in the symptomatology of verbal nature in autism. In that sense, the present article puts into discussion the recognition of such singularity, comparing it with the provoked effects (in the investigator) by the utterances, also singular, produced by the child who does not present disturbances in his/her linguistic course. Based on such a comparison, some points were raised, suggesting that the recognition of the singularity of the autist's echolalia would happen by inverse means to the recognition of the singular character of the subject's speech, at the beginning of his/her language acquisition course.

**Keywords:** Autism; Language; Singularity.

## Introdução

Pretendemos, neste trabalho, levantar algumas questões sobre o reconhecimento, pelo investigador, da singularidade das produções verbais da criança diagnosticada como autista. Segundo os estudiosos da área, essas produções consistem naquilo que há de “mais singular” o que remete, assim, a um ponto de referência ou de comparação, o qual situaremos no reconhecimento, pelo investigador, das produções verbais também singulares da criança que não apresenta distúrbios em sua trajetória lingüística. Nesse sentido, abordaremos esses dois tipos de reconhecimento na tentativa de escutar a

maneira como cada um deles poderia interrogar o outro. Ao falarmos portanto em tipos pressupomos a necessidade de diferenciar aquilo que estamos chamando de reconhecimento da singularidade. Antes, contudo, precisamos explicitar nossa tomada de posição no que diz respeito à própria concepção de singular, de modo a evitar uma naturalidade na abordagem do tema. Vale apontar para o fato de que o sentido dado a esse termo não é único, nem pacífico, adquirindo tonalidades diversas, na dependência da posição teórico/epistemológica assumida por quem o utiliza. Segundo Rajagopalan (2000), a palavra *singular* se encontra numa relação de oposição a palavras como *universal*, *plural*, *comum*, *genérico*, podendo assumir diferentes matizes de significação, dependendo de qual dos termos se escolhe como oposto. Apesar das diferenças, destaca-se, pois, em tal relação, o seu caráter de oposição.

Especificamente, no que diz respeito ao objetivo aqui proposto, para a delimitação singular, vai ser tomado, como ponto de partida, o termo universal no que se refere à língua formalizada, de acordo com a concepção de Milner (1987). Segundo esse autor, a formalização da língua diz respeito a proposições universais, o que lhe garante o pressuposto de totalidade. Em outras palavras, do ponto de vista da teoria lingüística, é a descrição gramatical que assegura essa totalidade à qual se apóia no fato de que a língua possui estratos e de que existem oposições complementares, como som *versus* sentido, menção *versus* uso. Entretanto esse autor aponta para a presença, na própria língua, de elementos singulares, ou seja, daquilo que não pode ser englobado por proposições formais/universais da língua, suspendendo, portanto, seus estratos, suas divisões, suas categorias e colocando em questão a razão mesma de sua existência enquanto totalidade. Como exemplo, Milner (1987) destaca o pronome pessoal que desestratifica a língua, desfazendo-lhe as divisões entre som e sentido pois o sentido do eu é a proferição do próprio eu, ou entre menção e uso, pois a definição em menção do pronome exige seu uso.

Vale notar, porém, que nessa concepção, a relação entre universal e singular, não se coloca apenas como oposição, mas adquire um caráter de impasse, pois, ao mesmo tempo em que a formalização da língua é necessária para apreender o singular, ela é suspensa por este mesmo singular (Carvalho, 1995; Guerra e Carvalho, 1999).

Nesse sentido, não se poderia falar em singular enquanto propriedade de uma determinada produção verbal, mas enquanto efeito que decorreria da suspensão de um outro efeito: o de saber implicado na formalização lingüística.

Contudo, em relação à língua, um outro tipo de universal se impõe, o qual consiste no funcionamento da língua, primeiramente, concebido por Saussure (1989) – nas suas duas formas: paradigmática e sintagmática – e, posteriormente, ressignificado por Jakobson (1963) – que o concebeu como processos metafóricos e metonímicos. Vale lembrar que foi De Lemos (2000a, 2000b) quem trouxe para o campo da Aquisição da Linguagem, a noção de funcionamento da língua, a partir de uma ressignificação dos processos metafóricos e metonímicos concebidos por Jakobson e relidos pela teoria laciana.

Para Saussure (1989), um tal funcionamento se impõe, inevitavelmente, a todo sujeito falante. É com base nesse autor que se pode afirmar que, para se falar, é necessário, minimamente, relacionar os termos entre si (relações sintagmáticas) bem como selecionar ou substituir os termos a serem relacionados (relações paradigmáticas).

Tomando por base o referido funcionamento universal, assim como a proposta de Milner (1987), pode-se dizer que o funcionamento da língua seria determinante da fala, tanto em seus aspectos formalizáveis, ou seja, aqueles que instanciam/atualizam um saber constituído, uma formalização, quanto em seus aspectos singulares os quais suspendem esta formalização. Assim, teríamos entre os três termos – universal/formalização, universal/funcionamento e singular – uma relação necessária marcada pelo caráter de indissociabilidade. Nesta relação, portanto, o universal/formalização somente seria constituído pelo apagamento ou *esquecimento* do singular e também do próprio funcionamento.

## Método

### Amostra

A amostra original, da qual foram retiradas as produções analisadas neste trabalho, foi composta por dois grupos de crianças: o primeiro destes, constituído por duas crianças, com desenvolvimento lingüístico considerado “normal”, cuja faixa etária durante o período de coleta de dados foi de 1 a 3 anos e seis meses. O segundo grupo, foi constituído por adolescentes diagnosticados como autistas, com idade média de 13 anos.

### Procedimento

As produções verbais das crianças com desenvolvimento lingüístico considerado normal foram registradas em áudio e vídeo, semanalmente, por um período de um ano, em situação de diálogo espontâneo com suas mães. Os adolescentes diagnosticados como autistas tiveram sua produção verbal registrada em vídeo, por um período de seis meses, em sessões terapêuticas de grupo.

## Resultados e Discussão

Vejamos o seguinte exemplo de produção verbal singular de uma criança, que não fez parte da nossa amostra, Adam: “*I am a no boy with no watch*”, que aparece no fragmento de diálogo transcrito abaixo<sup>1</sup> (Bellugi in Kessel, 1982, apud Lemos, 1994, p. 80). Tal produção foi tratada por Lemos (1994), a partir da noção de “efeito de enigma”, ou “efeito de estranhamento” provocado no adulto.

*In the middle of a session, Adam would open his eyes wide and provide me with special dialogues. In one case, Adam had just claimed that he had a watch, but never in fact had one, and what's more, couldn't tell time:*

*Me: 'I thought you said you had a watch'.*

*Adam: 'I do have one', (with offended dignity), 'what d'you think I am a no boy with no watch?'*

*Me: 'What kind of boy?'*

*Adam: (Enunciating very clearly) 'A no boy with no watch.*

<sup>1</sup> As transcrições foram feitas no idioma original (inglês) para uma melhor compreensão do fenômeno estudado no presente artigo

Trata-se, pois, de uma produção verbal que provoca um efeito de singularidade, na medida em que suspende um efeito de saber lingüístico. Nesse sentido, seria no lugar de um saber previsível da língua que o imprevisível do enigma poderia fazer efeito, ou, em outras palavras, somente pela via desse efeito, a produção verbal da criança seria possível de ser apreendida como singular.

Segundo De Lemos (2000, p. 179), “as expressões ‘no boy’ e no ‘watch’ mostram como estruturas manifestas podem revelar as estruturas latentes com as quais elas mantêm relação. É plausível dizer que, neste caso particular, as estruturas latentes são ‘nobody’, ‘nothing’ e no mínimo alguns itens da classe de construções negativas”.

Assim, o caso específico do “erro” de Adam sugere que o funcionamento da língua – que provoca aproximações metonímicas e substituições metafóricas em cadeias que contêm a negação, traria à tona, de forma predominante, o próprio funcionamento da língua, ou seja, traria à tona, de forma predominante, um efeito singular/estrutural.

Atendendo à necessidade de diferenciar o reconhecimento do singular – referida no início deste trabalho – podemos destacar a produção de Mariana (2 anos e 8 meses): *Deceu vedi*, que aparece no seguinte fragmento de diálogo:

Criança (C) pronta para ir a um aniversário com a Mãe (M):

M – De onde é essa chave?

C – *Fom fom dá.*

M – Da onde é essa chave?

C – *Fom fom.*

M – Do carro? Bunito esse chaveiro da C. verde.

C – *Deceu vedi / essi num é / essi / maon.*

M – Esse é marrom?

C – *É.*

M – Não, é verde. Abri a boca prá tomar remédio.

C – *Tô coçan/ tá coçandu.*

Sobressaiu-se, na produção acima, um efeito de semelhança fonética, colocando em relação *ver* e *verde* e trazendo à tona outras cadeias, como por exemplo, *este é verde* e *deixe eu ver*, produzidas anteriormente, quer pela mãe quer pela própria criança. Nesse sentido poderíamos indicar que se trataria de um efeito de contingência, no sentido (sugerido por Milner, 1987) de que é contingentemente que duas palavras de sons semelhantes e sentidos diferentes se aproximam, sendo, portanto, este aspecto de semelhança fonética que determina, fortemente, a necessidade de sua ocorrência.

A esse respeito, destacou-se uma diferença entre a produção de Mariana (“*Deceu vedi*”) e a de Adam (“*I am a no boy with no watch*”), posto que, neste último caso, vem à tona uma nova estrutura e não uma contingência (diferença esta já apontada por De Lemos, 2000). Convém, entretanto, realçar que, embora de maneira diversa, ambas as produções dão visibilidade à singularidade da fala da criança, durante seu percurso lingüístico.

Portanto, a partir do que foi colocado, podemos sugerir, de forma muito geral e provisória, que, no caso do “*Deceu vedi*”, uma contingência, ou seja, uma relação de seme-

Ihança fonética seria o efeito predominante, sobrepondo-se ao funcionamento da língua. Explicando melhor, a contingência ou semelhança *fonética (entre ver e verde)*, teria como suporte um funcionamento estrutural (metafórico e metonímico) – que produziria aproximações e substituições em cadeias verbais (como *deixe eu ver e este é verde*) – desestratificando o saber lingüístico formalizado. Este saber desestratificado, por sua vez, teria permitido a própria apreensão do contingente, enquanto efeito que predominaria no reconhecimento, pelo investigador, deste singular da fala de Mariana.

Nesse sentido, os três efeitos (o de contingência, o estrutural e o de saber) estariam presentes, de forma necessária e indissociável, no reconhecimento da singularidade pelo investigador. Contudo, na produção “*Deceu vedi*”, um desses efeitos (o de contingência) estaria predominando sobre os outros que a ele se subordinariam. Sugere-se, então, que os efeitos provocados pela fala da criança, não se excluíam, mas estariam, constantemente, se rearranjando, em função da predominância de um deles sobre os outros, resultando em diferentes tipos de produção singular.

Com base nessas colocações, perguntaríamos se o reconhecimento da singularidade não diria respeito a uma posição ocupada pelo investigador diante dos efeitos provocados pela fala da criança.

Como conseqüência desta pergunta, também indagaríamos se a diferenciação dos tipos de singularidade não diria respeito a uma mudança de posição do investigador diante dos efeitos provocados pela fala da criança. Por exemplo, nos casos do “*I am a no boy with no watch*” e do “*Deceu vedi*”, haveria um deslocamento de uma posição de subordinação ao efeito de estrutura, para uma posição de subordinação a um efeito de contingência.

A partir dessas indagações, tentaremos levantar algumas questões sobre a diferença entre o reconhecimento deste efeito singular provocado pelo erro de Mariana e o efeito singular, ou “mais singular”, provocado pelas verbalizações de uma criança diagnosticada como autista. Para isto vamos recortar a chamada ecolalia verbal, que vem sendo destacada pelos estudiosos da área a partir de Kanner (1943). É o caso, por exemplo, da presença de um fragmento de fala do adulto “de jeito e maneira”, que insiste nas verbalizações de Paulo, no episódio abaixo:

Paulo (P), em diálogo com a terapeuta (T), numa sessão de grupo.

P – *Tia apague a luz do quarto, por favor tia.*

T – De jeito e maneira, você está pensando que aqui é seu quarto?

P – *De jeito e maneira.*

*De jeito e maneira.*

*De jeito e maneira.*

Perguntamos, de início se o efeito de “mais singular” que essa insistência provoca não estaria ligado a um efeito de “contingência pura”, ou seja, a um efeito de semelhança (ou de identidade) no tocante à substância sonora, sem a sua contraparte de diferença e sem a possibilidade de um saber. Explicando melhor, parece que não faria sentido dizer que este singular/ecolálico de P. suspende os estratos do saber ou da formalização lingüística, sendo até mesmo impossível de dizê-lo, como também não se poderia apontar para um efeito de

estrutura, no sentido colocado acima. Portanto, o reconhecimento deste “mais singular” parece indicar um efeito de contingência pura, sem efeito de estrutura ou de saber.

Surge, entretanto, aqui, uma dificuldade decorrente de nossa tomada de posição explicitada no início deste trabalho.

Pergunta-se, então: de que maneira a verbalização ecológica poderia ser reconhecida como singular se ela não suspenderia os estratos da língua constituída e nem decorreria de um funcionamento estrutural?

Nesse ponto, fazemos apelo, ainda, à suposição de que a diferença no reconhecimento do “mais singular” do aspecto ecológico na fala do autista implicaria uma mudança de posição do investigador face ao contingente/singular da produção de Mariana, por exemplo. Com base no que foi discutido antes, pode-se perguntar: uma tal mudança de posição não significaria uma subordinação a um efeito de contingência que se impõe sem a diferença decorrente do funcionamento da língua e sem o saber que seria suspenso por uma tal contingência?

Por sua vez, uma outra questão poderia ser tentada: não seria ainda com referência a esses dois efeitos (o de saber e o de estrutura) que a ecolalia poderia ser reconhecida como singular?

Nesse sentido, ao que parece, um tal reconhecimento do “mais singular” se daria pela via inversa do reconhecimento do singular, em Mariana, ou seja, pela via da negação, da impossibilidade. Relembremos que estamos diante tanto da impossibilidade de reconhecer a ecolalia como algo que suspende um efeito de saber quanto da impossibilidade de reconhecer, nela, uma diferença decorrente de um funcionamento estrutural e arriscaríamos perguntar: não seriam estas impossibilidades de reconhecimento da verbalização ecológica que, em última análise, permitiria o reconhecimento de sua singularidade?

Por fim, indagaríamos: para que esse “mais singular” pudesse ser escutado como fala, não seria preciso que seu efeito de contingência entrasse numa relação indissociável específica com um efeito estrutural e com um efeito de saber lingüístico?

Essa indagação aponta para o fato de que a mencionada relação necessária e indissociável entre os três efeitos não se estabelece de forma natural. Existem casos em que um tal tipo de relação não ocorreria, sugerindo que alguma coisa o determinaria.

Uma tal indagação, por sua vez, retornaria ao campo da Aquisição da Linguagem, colocando em questão a naturalidade da escuta do investigador, ou seja, colocando em questão a naturalidade com que o investigador reconhece o singular da fala da criança, em seu percurso lingüístico.

## Referências

---

- CARVALHO, G. M. M. (1995). *Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL – UNICAMP. Encaminhada para publicação. Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- GUERRA, A.G. & CARVALHO, G.M.M. (1999). Impasse e desamparo: na trilha da interpretação. *Percurso*, 12 (23), p. 73-80.

- JAKOBSON, R. (1963). Deux aspects du langage et deux types d'aphasie. In: *Essais de Linguistique Générale*. Paris: Minuit, p. 43-67.
- KANNER, L. (1997/1943). Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: Rocha, P.S. (Org.) *Autismos*. S. Paulo: Editora Escuta.
- DE LEMOS, C.T. (2000a). Questioning the notion of development: the case of language acquisition. *Culture & Psychology*, 6 (2), p. 169-182.
- DE LEMOS, C.T. (2000b). *Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos*. Trabalho apresentado no Quinto Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem e Primeiro Encontro Internacional sobre Aquisição da Linguagem, Porto Alegre: PUC-RS.
- LEMOS, M. T. (1994). *A Língua que me falta: uma análise dos estudos em Aquisição da Linguagem*. Tese de Doutorado. Campinas, IEL – UNICAMP.
- MILNER, J.C. (1987). *O Amor da Língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- RAJAGOPALAN, K. (2000). O singular: uma pedra no caminho dos teóricos da linguagem. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (38), p. 79-84.
- SAUSSURE, F. (1989). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.

### **Contatos**

Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Psicologia  
Rua Acadêmico Hélio Ramos S/N – 9º andar  
Cidade Universitária – Recife- PE  
CEP: 50670-901  
E-mail: jopcarv@uol.com.br  
tavelar@uol.com.br

### **Tramitação**

Recebido em junho/2001  
Aceito em outubro/2001